

Resta-nos a resistência e alguns ensaios de contra-poder. *Nicolau* e outras iniciativas podem ser algo que toma corpo nesta direção.

Dimas Floriani — sociólogo



### UMA CONSTITUIÇÃO NÃO SE IMPROVISA

O povo quer uma Constituição que reflita uma representação popular autêntica, legítima e consciente. Não interessa uma Constituição elaborada por poucos "sábios" em Teoria Geral do Estado sob a influência e pressão de interesses que não se deixem afastar do Poder Político.

Tão importante quanto uma Constituição é o grande debate que se trava sobre a Constituinte, dando amplo conhecimento à população sobre o que é uma Constituição, como funciona uma Assembléia Nacional Constituinte, e qual a importância de uma Carta Magna.

Com a conscientização do povo, surgem novos debates populares, tais como: qual a importância de uma Carta Constitucional para o dia-a-dia dos brasileiros? O que deverá conter a Lei maior para assegurar os direitos humanos básicos? Como preservar a ordem econômica? Como garantir a justiça?

Uma Constituição não se improvisa. Tem-se que, obrigatoriamente, ouvir os clamores do povo que vai utilizá-la posteriormente, fazendo-a de fácil entendimento e interpretação para que "qualquer do povo", ao manuseá-la, possa, dali, extrair as informações que lhe traduzam os seus verdadeiros direitos inalienáveis, por onde tenha condições, o cidadão, de pautar seus procedimentos, certo das garantias individuais e coletivas.

Por isso, uma Constituição não se improvisa.

Raul Lopes — deputado estadual

### A COISA, A CAUSA, A CAUDA

Os movimentos psicanalíticos lembram às vezes um gesto insensato

evocado por Freud em *Observações sobre o amor de transferência*: conjurar um espírito do Averno e, tremendo com a sua aparição, mandá-lo de volta às sombras, sem interrogá-lo. Refirimo-me à mania de institucionalização, pelo que esta comporta, via de regra, de fechamento e esterilização da pesquisa e das fontes, pelo seu notório temor diante dos duplos. Com esta tendência contrariada da psicanálise, cresce o caudal dos lanos, a boa filiação, que faz da formalização necessária dos achados clínicos uma garantia de coesão e identidade, fórmulas do ser e do não-ser, um lar com sua linguagem comum, por mais cifrada que seja.

É comum neutralizar a palavra, desconhecendo suas "mil faces secretas", como diz o poeta, e instalar-se sob a proteção de uma lógica universal, o resto sendo o descampado do ilógico. E tudo bem, se são demais os perigos desta vida. Mas com a psicanálise, é no mínimo paradoxal. Sabe-se que os teóricos da psicanálise dão uma tonalidade doutrinal ao seu desejo, à medida que inventam. E Freud alude a uma certa presença do delírio na teoria, ficção incontornável gerada nos infernos. É o que faz pensar que ao lado da coisa, e mesmo ao lado da causa, existe uma cauda freudiana escondida. *Resou* resto pré-histórico que vem, paradoxalmente, por último.

João Perci Schiavon — psicanalista

### OS VITRAIS, NÃO!

Telefone para o Teatro Municipal do Rio de Janeiro, procuro notícias do vitral assinado por Eliseu Visconti e datado do começo do século, aquele apedrejado durante a manifestação contra o presidente Sarney no começo de julho. Falo com pelo menos meia dúzia de funcionários (infelizmente Fernando Bicudo, o diretor-geral, não está) e sinto uma leve indiferença em relação ao valioso assunto. Acho que uma questão de consciência.

No entanto, a imagem daqueles veneráveis fragmentos tombados durante a manifestação ocorrida nas proximidades do teatro — "os vitrais, não!" — me inquieta constantemente. É como se uma parte dessa nossa "civilização", do pouco que nos resta do patrimônio nacional, tombasse também, assim, de chofre, e sinto que o meu sangue gela só de pensar que tragédia semelhante poderia acontecer com os nossos vitrais, porque não há nada, efetivamente, que os proteja.

É preciso, com urgência, olhar para esse patrimônio especialmente luminoso e frágil, salvaguardá-lo, porque a sua história, antes de tudo, é a história da produção dos sentimentos, sentimentos que são exaltados através dos vitrais desde, no mínimo, o século VI, em Constantinopla. *Vitral e pintura. Vitral e arquitetura. Vitral, misticismo e poesia. Vitral, corpo e alma.* É preciso estudá-lo, analisar o seu significado, restituir-lhe a sua grandiosidade.

Poderíamos começar com os vitrais da Universidade Federal do Paraná, mas sem as tentações de apresentá-los como simples enfeites. Vitrais que às vezes dão-me a impressão de estarem terrivelmente mal conservados, opacos mesmo.

Regina Célia Rocha — jornalista



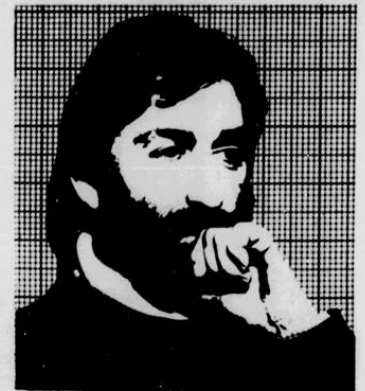
### JÁ QUE PODE! FALA DE NEGRO AÍ...

Escrever sobre minorias é um negócio complicado, primeiro porque os maiores interessados na questão raramente lêem o que se escreve sobre eles (e como dói); segundo porque a outra minoria, aquela que controla os meios de comunicação, vê nestes textos sérios riscos à sua hegemonia. Conversando com o Wilson Bueno, esse cupincha do *Nicolau* (Axé! penetra), ele sugeriu que eu escrevesse alguma coisa sobre a questão do negro. Topoi na hora. Mas só quinze linhas?!

Diante do espaço, proponho-me a relatar um fato interessante, ocorrido no Museu Paranaense, no dia em que Octavio Ianni esteve em Curitiba, falando sobre "O negro na sociedade brasileira", iniciativa das mais louváveis, embora isolada. A mesa foi composta por "estudiosos" da escravidão. Teses das mais supimpas, como "O preço do negro no século passado", foram apresentadas com a maior empáfia. Até que chegou a penúltima oradora, depois dela seria o convidado que falaria, e só por isso mantínhamo-nos ali, respeitando toda aquela verborrêia acadêmica.

A negra soltou o verbo em torno de tudo que ela sente de preconceito cotidianamente, deixando todo mundo boquiaberto, estava ali, na cara de todo mundo, um "fóssil" histórico desprezado. Quando eu pensava que toda a força daquele depoimento poderia ter chegado até o coração da platéia, constituída na maioria absoluta por estudantes brancos, ouço uma mulher dizer para sua colega: "Amanhã vão ter que lavar o Museu, com toda esta negrada hoje aqui". Ouí eu e ouvi ram outras pessoas. Fato isolado?? Ah! Ah! Ah! Ah! SARAVÁ!

Luiz Augusto Moraes — escritor



### MUSEU NÃO É SARCÓFAGO

Quando Fernando Moura pergunta durante um colóquio de museólogos: "O que é um museu?", esta atitude preocupa qualquer pessoa que direta ou indiretamente tenha alguma ligação com o assunto. O por que desta preocupação está fundamentado no fato de que o protagonista da pergunta é o presidente da ABM — Associação Brasileira de Museus. Essa entidade, além de congregar inúmeros museus do país, tem efetiva participação junto à política museológica e ao período aproximado de vinte anos para o reconhecimento oficial da profissão, atingindo seu objetivo inicial com a publicação da Lei Federal n.º 7287, de 18 de dezembro de 1984, e regulamentada pelo Decreto n.º 91775, de 15 de outubro de 1985. Portanto, a resposta deveria estar enunciada pelas próprias palavras do presidente.

Não obstante, atendendo ao convite da redação do *Nicolau*, à provocação do fato e à necessidade de esclarecer vários segmentos da comunidade paranaense, esboça-se neste breve texto a tentativa de abordar resumidamente tão interessante tema. Um museu, inicialmente, deve ter um espaço definido, uma coleção devidamente cadastrada, a participação efetiva de museólogo formado e competente, objetivo claro a cumprir e ação museológica dinâmica. Caso contrário, trata-se apenas de coleções, até mesmo simples agrupamentos de peças ou, o que é pior, um mero ato governamental, autárquico ou privado de criação, na maioria das vezes com finalidade eleitoreira ou projeção de *status* social.

Museu não é sarcófago (Cunha Lima, 1987), é a guarda viva do patrimônio cultural de um povo. Para tal, cabe a ele o arrolamento e tombamento deste patrimônio, sua conservação, restauração e preservação, bem como a exposição ao público no sentido de devolver a ele o que lhe pertence, seja em forma de memória registrada, seja em forma da criação de novos estímulos à continuidade da vida e à evolução da humanidade.

Ivens Foutoura  
Coordenador de Museus da SEEC